


# **CRISE HEGEMÔNICA E REAÇÃO: O CASO DE JORDAN BARDELLA**

Hegemonic Crisis and Reaction: The Case of Jordan Bardella

Maria Raphaela Luchini Caldeira Campello <sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-8940-3564>

E-mail: [mariaraphaela.campello@gmail.com](mailto:mariaraphaela.campello@gmail.com)

<sup>a</sup> Universidade de São Paulo,  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Ciência Política,  
São Paulo, SP, Brasil

## RESUMO

Este artigo examina como Jordan Bardella reinscreve o deslocamento hegemônico global, em particular a ascensão chinesa, em uma narrativa de crise que busca redefinir o lugar da Europa no sistema-mundo e os agentes privilegiados dessa mudança. A partir das teorias dos ciclos sistêmicos de acumulação e utilizando a Análise Crítica do Discurso como ferramenta metodológica, analisam-se suas intervenções no Parlamento Europeu entre 2019 e 2024. Buscamos demonstrar como Bardella converte tensões geoeconômicas, ansiedades securitárias e inquietações identitárias em uma moldura unificada de ameaça civilizacional, por meio da qual procura reorganizar a ordem do discurso europeia. Ao naturalizar a soberania como eixo interpretativo da crise e propor uma leitura alternativa ao vocabulário da integração supranacional, Bardella busca posicionar a extrema-direita, representada por si, como força capaz de interpretar a transição hegemônica e definir a direção política do continente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jordan Bardella. Hegemonia. Análise Crítica do Discurso.

## ABSTRACT

This article examines how Jordan Bardella reinscribes the ongoing global hegemonic shift (particularly the rise of China) into a narrative of crisis that seeks to redefine Europe's place within the world-system and the actors deemed central to that transformation. Drawing on theories of systemic cycles of accumulation and employing Critical Discourse Analysis as a methodological tool, the article analyzes Bardella's interventions in the European Parliament between 2019 and 2024. It argues that Bardella fuses geoeconomic tensions, security anxieties, and cultural-identity concerns into a unified frame of civilizational threat through which he attempts to reorganize the European order of discourse. By naturalizing sovereignty as the interpretive axis of the crisis and offering an alternative to the supranational vocabulary of integration, Bardella seeks to position the far right, embodied by himself, as a political force capable of interpreting the hegemonic transition and shaping the continent's future direction.

**KEYWORDS:** Jordan Bardella. Hegemony. Critical Discourse Analysis.



**É** célebre a formulação de Marc Bloch (2001) segundo a qual a História pode ser tomada como um “laboratório em atividade” do presente. A investigação histórica, nesse sentido, não apenas responde às inquietações que o tempo presente impõe, mas oferece ferramentas para compreender como processos mais longos se inscrevem nas crises contemporâneas. É nesse entrelaçamento entre passado e presente que se situa este trabalho, o qual mobiliza as teorias do sistema-mundo de Giovanni Arrighi (1996) e Immanuel Wallerstein (1983) para compreender a expansão recente da extrema-direita europeia.

O objetivo aqui é inscrever o avanço dessa direita — representada no caso específico de Jordan Bardella — no interior de uma conjuntura global marcada pela crise hegemônica e pelo deslocamento do centro de gravidade econômico e político do sistema-mundo. Trata-se de situar o objeto dentro de estruturas históricas mais amplas e continuidades de longa duração, articulando duas escalas analíticas: o micro, representado pelos discursos parlamentares de Bardella, e o macro, por via das transformações estruturais que reposicionam a Europa na ordem internacional.

A ideia de sistema-mundo, formulada por Wallerstein e aprofundada por Arrighi, oferece um enquadramento útil para conectar fenômenos aparentemente localizados — como a retórica nacionalista do *Rassemblement National* — às dinâmicas globais que moldaram a sucessão hegemônica nas últimas décadas. A hipótese explorada é que a extrema-direita europeia se consolida como parte da reação política que emerge das fissuras abertas pelo declínio relativo do Ocidente e pela ascensão chinesa. Em outras palavras, o deslocamento hegemônico além de reorganizar fluxos econômicos, reconfigura sensibilidades políticas, alimentando discursos que interpretam a perda de centralidade europeia como ameaça existencial e crise civilizacional.

Para examinar essa operação discursiva, recorreremos à análise de discurso dentro dos marcos da *Critical Discourse Analysis* (CDA), a partir sobretudo dos trabalhos Norman Fairclough (1992, 2003, 2013). Seu modelo tridimensional, que articula a análise textual às práticas discursivas e às práticas sociais, permite compreender como escolhas linguísticas específicas se enraízam em disputas por significado e em relações de poder mais amplas. Essa abordagem é particularmente pertinente para nosso objeto, permitindo observar a maneira como a crise interpela os discursos de Bardella. Por meio da análise de discurso, se tornaram claras as maneiras como o eurodeputado insere a conjuntura internacional no

interior de uma gramática catastrofista que articula economia, segurança nacional, cultura e soberania nacional.

A CDA fornece, assim, o instrumental para acompanhar como deslocamentos geopolíticos se convertem, pela via discursiva, em narrativas de decadência, urgência e ameaça. É nesse ponto que o caso de Jordan Bardella se torna revelador: seus discursos fazem da troca hegemônica não apenas um diagnóstico sobre o mundo, mas um recurso político que mobiliza frustrações e as reorganiza em torno da promessa de uma restauração soberanista.

Na seção seguinte, executamos um breve esboço do quadro teórico da troca hegemônica, com atenção ao lugar ambíguo que a Europa ocupa na conjuntura atual e às ansiedades políticas produzidas por seu reposicionamento no sistema-mundo. É sobre esse pano de fundo — a crise da centralidade europeia e o deslocamento do poder global — que os discursos de Bardella adquirem inteligibilidade.

## A TROCA HEGEMÔNICA

A ascensão da China no cenário global é um dos fenômenos mais significativos do século XXI, representando uma transformação profunda na economia mundial e na geopolítica internacional. O crescimento exponencial iniciou-se a partir das reformas de Deng Xiaoping em 1978, que introduziram elementos de economia de mercado dentro do sistema socialista chinês e impulsionaram um ciclo de industrialização orientado à exportação. Giovanni Arrighi (1996) afirma que a China se destacou como um centro dinâmico de acumulação de capital, desafiando a hegemonia estabelecida pelos Estados Unidos.

Para autores como David Harvey (2010), esse movimento, sobretudo a partir da crise de 2008, reflete um deslocamento das forças econômicas globais do Ocidente para o Oriente. A crise financeira expôs a vulnerabilidade do modelo neoliberal, debilitou os mecanismos de liderança dos Estados Unidos e abriu espaço para que a China consolidasse sua posição em ritmos que contrastavam com a recuperação lenta das economias do Atlântico. Barbosa (2020) adiciona que a crise de 2008 intensificou a disputa entre os três centros hegemônicos – Estados Unidos, União Europeia e China – por novas posições econômicas e geopolíticas, uma vez que revelou tensões antes amortecidas pela complementaridade econômica.



Para Giovanni Arrighi (2008), a ascensão chinesa representa um fenômeno de "dominação sem hegemonia", em que a China exerce uma influência econômica substancial sem recorrer ao imperialismo tradicional. A estratégia chinesa é exemplificada pela Iniciativa *Belt and Road*, lançada em 2013, que visa conectar a China a diversas regiões da Ásia, Europa e África por meio de investimentos em infraestrutura. Essa abordagem, baseada no desenvolvimento econômico e na cooperação, contrasta com a estratégia americana, frequentemente marcada pela coerção política e militar quando se trata de suas relações com países do Sul global. Assim, sob o signo de uma nova abordagem das relações internacionais, a China parece expandir sua influência no globo, e especialmente no Sul, de forma mais sutil e eficaz que o hegêmona da vez.

A teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação de Arrighi (1996) oferece o pano de fundo para compreender esse deslocamento de poder: cada ciclo envolve a ascensão de uma potência, seu auge financeiro e, por fim, uma fase de turbulência que abre espaço para uma nova configuração — dinâmica observada na sucessão Gênova-Holanda, Holanda-Reino Unido e Reino Unido-Estados Unidos. A ascensão chinesa pode ser lida como o início de um novo ciclo, no qual a centralidade do capital e do poder mundial se desloca para o Oriente por meio de transformações econômicas, tecnológicas e institucionais. Tal como o Reino Unido liderou a Revolução Industrial e os Estados Unidos estruturaram sua hegemonia em torno da revolução digital, a China investe em inteligência artificial, redes 5G e tecnologias verdes, sinalizando uma nova base produtiva capaz de redefinir as cadeias globais de valor. No plano institucional, iniciativas como a *Belt and Road* e o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura articulam redes alternativas de cooperação e governança, desafiando o arcabouço construído pelos EUA no pós-guerra e alimentando debates sobre comércio, propriedade intelectual e soberania digital. Nesse quadro, a ideia da China enquanto “fábrica do mundo” surge como ponto de tensão na ordem liberal internacional, expondo o declínio relativo dos EUA e acelerando a reconfiguração do sistema-mundo.

Nesse contexto, a Europa — ainda uma potência econômica — vê sua influência global contestada. Sua crescente dependência das cadeias produtivas chinesas expõe limites estratégicos e a coloca em posição ambígua entre a histórica aliança transatlântica e a necessidade de adaptar-se a uma ordem multipolar em formação. Diferentemente do deslocamento hegemônico em direção aos EUA no pós-guerra, quando o continente europeu conservou centralidade como aliada estratégica e polo político da Guerra Fria, o movimento atual ameaça reconfigurar de modo mais profundo seu lugar no sistema



internacional, bem como o papel dos valores e modelos ocidentais. Hoje, a Europa vê-se dividida entre sua histórica aliança transatlântica e a necessidade de adaptar-se à nova realidade de uma ordem multipolar, na qual o poder econômico e geopolítico está se deslocando rapidamente para o Oriente – em um processo que autores como Chris Hamnett (2008) chegam a classificar como declínio relativo do Ocidente como um todo.

Essa avaliação parece ser compartilhada com observadores da extrema-direita europeia. Assustados com a perda de poder relativo da Europa e seu potencial escanteio na nova ordem econômica, esses atores parecem se frustrar com um Ocidente que se demonstra cada vez menos apto a proteger os interesses nacionais dos países europeus. Se para Immanuel Wallerstein (1983) as transições hegemônicas criam oportunidades para diferentes atores no sistema internacional, parece plausível pensar que a extrema-direita europeia possa ser um desses personagens a emergir pelas frestas do edifício hegemônico. A percepção de uma China ascendente alimenta as narrativas nacionalistas na Europa, e figuras como o jovem eurodeputado francês Jordan Bardella as utilizam para promover uma agenda política que enfatiza a soberania nacional frente à atual ordem mundial – um discurso que encontra coro entre eleitores descontentes com as políticas liberais de integração europeia e as mudanças estruturais globais.

Esse descontentamento não é de todo infundado. Para Jan Aart Scholte (2010), a ordem econômica mundial liberal transformou as estruturas econômicas dos Estados, diminuindo sua capacidade de controlar suas economias nacionais. Para a extrema-direita, essa perda de controle é uma prova de que as forças externas favorecem as elites globais em detrimento dos trabalhadores nacionais. A narrativa antieuropeísta (baseada em questões de soberania e identidade nacional) é, então, utilizada para mobilizar eleitores contra o que é visto como uma entidade supranacional que não representa os interesses dos cidadãos comuns, uma burocracia distante e desconectada, responsável pela erosão da soberania – o que justifica a necessidade de uma reavaliação das relações com a União Europeia (Vasilopoulos, 2018).

Atores como Bardella parecem ter sido impulsionados pelo acúmulo de crises do início desse século: a crise econômica, a crise migratória e o Brexit influenciaram a política populista e o eurocepticismo na Europa. Essas crises se converteram, para partidos de extrema-direita, em oportunidades de crescimento. A crise migratória, em particular, foi explorada para promover uma narrativa de ameaça à identidade cultural e à segurança nacional, enquanto o Brexit foi utilizado como um exemplo de que a integração europeia



pode ser revertida e que os Estados-nação podem recuperar sua soberania (Pirro et al. 2018).

Ao dirigir-se a atenção aos discursos de Jordan Bardella, torna-se possível observar como essas crises — econômicas, migratórias e institucionais — se entrelaçam às ansiedades produzidas pelo deslocamento hegemônico, oferecendo-lhe um repertório discursivo capaz de inscrever as transformações estruturais em uma gramática soberanista que promete recompor a centralidade perdida. Na seção seguinte, examinamos como essa operação discursiva se materializa em suas intervenções no Parlamento Europeu, bem como as formas pelas quais a troca hegemônica é mobilizada para fortalecer sua agenda nacionalista.

## A CRISE SOB AS LENTES DE BARDELLA

Jordan Bardella é um político francês nascido em 13 de setembro de 1995, em Drancy, região de Seine-Saint-Denis, e é membro destacado do partido de extrema-direita Rassemblement National (RN). Filiado ao partido desde os 16 anos, Bardella rapidamente ascendeu em suas fileiras, tornando-se conselheiro regional da Île-de-France em meados da década de 2010 e um dos conselheiros políticos de Marine Le Pen em 2017. Em 2019, liderou a lista do RN nas eleições para o Parlamento Europeu, obtendo um resultado expressivo que consolidou sua posição no partido. Em 2022, passou a presidir formalmente o RN, sucedendo Le Pen, e reforçou sua centralidade na estratégia de renovação da extrema-direita francesa. Reeleito deputado europeu em 2024, assumiu a liderança do grupo Patriotas pela Europa no Parlamento Europeu, ampliando ainda mais sua projeção no cenário político continental.

Bardella representa uma nova geração de políticos de extrema-direita na França. Ele é visto como um potencial sucessor de Marine Le Pen (declarada inelegível em março de 2025), especialmente por seu papel central em suavizar a imagem do RN<sup>1</sup> para ampliar sua base de apoio. Em julho de 2024, quando pesquisas eleitorais apontavam seu partido como vencedor das eleições legislativas que se sucederam à dissolução da Assembleia Nacional

---

<sup>1</sup> Desde os anos 1990, o Front National passa por um processo de “desdemonização” (dédiabolisation), iniciado por Bruno Mégret e aprofundado por Marine Le Pen nos anos 2010. O objetivo é suavizar a imagem extremista do partido — historicamente marcado pelos vínculos de Jean-Marie Le Pen com o neofascismo e por discursos xenófobos e antissemitas — e ampliar seu apelo eleitoral. Essa estratégia desloca o foco do racismo biológico para um racismo “culturalista”, centrado na defesa de valores e modos de vida, tornando o partido mais aceitável para o eleitorado mainstream e aumentando sua legitimidade institucional.

pelo presidente Emmanuel Macron, foi cotado para o cargo de primeiro-ministro, refletindo seu crescente protagonismo e influência dentro do partido.

Analizamos, nas linhas da *Critical Discourse Analysis*<sup>2</sup>, os discursos de Bardella nos debates do Parlamento Europeu entre 2019, quando foi eleito, e junho de 2024, quando realizamos nossa coleta de dados. Essa abordagem entende o discurso como prática social, isto é, como elemento constitutivo das relações de poder e das formas de percepção do mundo. Interessa-nos observar como escolhas linguísticas específicas, a circulação de repertórios interdiscursivos e a inscrição dos enunciados em práticas sociais mais amplas contribuem para organizar sua leitura da crise contemporânea. Ela permite articular a materialidade dos textos – léxico avaliativo, metáforas, construções sintáticas – às disputas (inclusive por significado) que atravessam o Parlamento Europeu. Com isso, torna-se possível perceber como deslocamentos geopolíticos são reinscritos em operações hegemônicas no interior do Parlamento Europeu. Nos parágrafos seguintes, detalharemos os mecanismos discursivos que permitem a Bardella realizar essa tradução da conjuntura.

A começar por um panorama geral, na atividade parlamentar de Bardella, as principais temáticas identificadas foram a segurança, a imigração, a soberania das nações europeias frente à própria UE e ao mundo, a crise, a economia e a produção energética. Com frequência, a China e os Estados Unidos (signos que, sugestivamente, não raro são colocados lado-a-lado em suas falas) foram associados a essas temáticas, em particular à soberania, segurança, economia e energia. Veremos a seguir como esses temas foram articulados às duas potências e ao jogo de poder em curso. Seguindo a proposta de Fairclough (1992), identificamos alguns discursos que podemos classificar como amostras típicas ou representativas, nas quais se fazem presentes alguns dos padrões de linguagem de Bardella.

Iniciamos por um tópico de predileção do eurodeputado: a dependência crescente da Europa em relação à China, particularmente em setores estratégicos como tecnologia e energia renovável. Em 29 de maio de 2023, destacou a compra da Kuka, uma empresa de robótica na Alemanha, pela Midea Group, e o controle do porto do Pireu na Grécia pela

---

<sup>2</sup> A CDA, desenvolvida sobretudo por Norman Fairclough, insere-se no campo das abordagens pós-estruturalistas da linguagem e da tradição da linguística crítica britânica. Partindo da premissa de que o discurso é constitutivo das relações sociais, a CDA se nutre da ideia gramsciana de hegemonia destacando as disputas no plano discursivo. Em sua abordagem tridimensional, Fairclough distingue (a) o nível textual, dedicado às escolhas linguísticas; (b) o das práticas discursivas, que regem a produção e circulação dos enunciados; e (c) o das práticas sociais, no qual esses enunciados são situados em dinâmicas históricas e relações de poder mais amplas. A articulação entre esses níveis permite observar a interdiscursividade, a construção de identidades políticas e os mecanismos de legitimação presentes nos discursos analisados.





COSCO Shipping, exemplos de como a China estaria adquirindo controle sobre infraestruturas críticas europeias<sup>3</sup>.

A nível textual, chama a atenção o uso das palavras “predador” e “feroz”, isto é, de léxico avaliativo<sup>4</sup> fortemente marcado, para caracterizar a China. Identifica-se a bestialização desse país, convertido em fera diante de uma Europa tornada “presa”. A situação toma, assim, ares de grande gravidade e de sobrevivência, muito além de economia: entre as feras, o embate é de vida ou morte. Este tipo de representação metafórica, que reconfigura domínios sociais, contribui a construção daquilo que Fairclough chamaria de um mundo social específico, no qual a competição econômica é transfigurada em luta existencial, por meio do discurso.

No nível da prática social, como vimos, o discurso opera dentro de uma conjuntura marcada por disputas geopolíticas e pelo crescimento da retórica soberanista na Europa. A China é o “outro” ameaçador, enquanto a Europa é apresentada como um espaço que precisa ser defendido nos fronts da política, da economia e da tecnologia, em uma operação que busca galvanizar seu público em torno de um projeto de defesa da soberania. Mas a equivalência não acaba aí: a soberania ameaçada relaciona-se discursivamente a valores como “liberdade”, “independência” e “força”. Esses termos reforçam a narrativa de identidade europeia, em que a proteção contra a China se converte em uma proteção da própria essência europeia. A prática discursiva, aqui, usa elementos de moralização — sugerindo que a soberania da Europa não é meramente um valor pragmático, mas uma questão de princípios que devem ser defendidos em um campo quase ético.

Note-se que, ao longo dessa manifestação, alguns de seus tópicos recorrentes: a soberania das nações frente à UE — apresentada como responsável pela crescente dependência energética europeia em relação à China — e a soberania da própria UE diante da expansão chinesa em setores como energia e tecnologia. Esse gesto aproxima Bardella de uma vertente específica do antieuropeísmo contemporâneo, que não rejeita a Europa como referência simbólica, mas se opõe à União Europeia enquanto arranjo supranacional

---

<sup>3</sup> Nossa dependência da China não parou de crescer. A princípio confinada ao papel de artesão de uma economia barata e de produtos de baixa qualidade, o império chinês tornou-se agora indispensável no mundo. Ela é [...] uma passagem obrigatória para a fabricação de turbinas eólicas e painéis fotovoltaicos [...]. Ela se tornou um predador de primeira linha das empresas europeias mais estratégicas. [...] Ela é uma concorrente das mais ferozes na economia do conhecimento e nas tecnologias do futuro [...]. Diante dessa realidade, já não é hora de constatar, mas de agir. Devemos preservar nossos mercados públicos [...], proteger nossos ativos estratégicos e investir tanto em inovação quanto em educação. A proteção de nossa soberania também passa por uma investigação aprofundada sobre as suspeitas de espionagem que pesam sobre o TikTok [...]. A Europa não está destinada a permanecer uma presa de Pequim. Isso afeta o nosso futuro, nossa liberdade, nossa soberania, nossa independência e nossa força. (Palamento Europeu, 2024, tradução nossa)

<sup>4</sup> Atribui julgamentos morais ou emocionais a atores e eventos.



concebido como fonte de fragilidade política e perda de autonomia. Trata-se de um antieuropeísmo institucional, que busca redefinir o “ser europeu” em termos estritamente nacionais e soberanistas.

Em seguida, desloca o argumento para o terreno da segurança, evocando riscos de espionagem e controle de dados e mencionando suspeitas sobre o TikTok e suas ligações com o governo chinês. A dependência tecnológica da Europa passa, então, a figurar como ameaça à segurança e à privacidade dos cidadãos, permitindo-lhe inserir a tecnologia no campo da segurança nacional e reforçar a associação entre soberania e controle dos fluxos de informação.

Esse movimento articulatório entre ideias díspares pode ser lido nas linhas da interdiscursividade de Fairclough (2003): a combinação de ordens de discurso heterogêneas e mesmo aparentemente incompatíveis entre si. Ao condensar elementos economicistas e tecnológicos (geralmente vinculados a discursos modernizantes ou liberais) com um repertório nacionalista centrado em valores culturais e ameaças existenciais, Bardella produz um discurso híbrido que borra as fronteiras entre registros distintos e reconfigura contradições em uma narrativa coerente (em aparência) de soberania ameaçada. Trata-se, nesse sentido, de uma estratégia hegemônica: a mistura funciona como mecanismo de legitimação, permitindo que temas potencialmente incompatíveis se reforcem mutuamente e sejam mobilizados para sustentar um projeto político unificado.

Busquemos, agora, compreender a visão de Bardella sobre os Estados Unidos no contexto da troca hegemônica. Sua preocupação com a posição americana não parece estar estruturada em termos existenciais e morais mas, sim, econômicos. O eurodeputado adota uma postura crítica em relação a determinadas políticas dos Estados Unidos, especialmente em resposta às políticas protecionistas americanas. Ele aponta para a Lei de Redução da Inflação<sup>5</sup> como um exemplo de medidas que favorecem deslealmente as empresas americanas, prejudicando a competitividade europeia. Sugere, ainda, que a Europa deve desenvolver suas próprias capacidades para enfrentar desafios globais,

---

<sup>5</sup> A Lei de Redução da Inflação, sancionada nos Estados Unidos em 2022, combina estímulos à energia limpa, redução de custos de saúde e ajustes tributários. Seus incentivos fiscais robustos a tecnologias verdes, porém, foram criticados por adotarem um viés protecionista, ao favorecerem principalmente empresas e consumidores americanos e afetarem a competitividade externa.



apontando que, enquanto os EUA promovem sua indústria nacional, a Europa deve fazer o mesmo para evitar desvantagens competitivas<sup>6</sup>.

Nesse trecho, de 27 de abril de 2021, fica patente que Bardella encara os êxitos dos Estados Unidos de maneira um tanto diferente daqueles da China. O tom de ressentimento do discurso acima não deixa de revelar a admiração que Bardella nutre pelos americanos. Ele parece, na verdade, lamentar que a Europa não possa seguir seu exemplo, fomentando o desenvolvimento, a empresa e a indústria locais e protegendo a economia. No nível da prática discursiva, há uma interdiscursividade marcada pela apropriação seletiva de elementos provindos de ordens discursivas diversas. Observa-se a fusão ou, em termos da CDA, hibridização discursiva, entre elementos do discurso nacionalista europeu (protecionismo, fomento à indústria) e elementos advindos do discurso neoliberal (admiração às “conquistas” de empresas privadas, crítica à burocracia). Ainda que de maneira relutante, o deputado concede um tipo de admiração aos EUA que não se repete ao tratar da China. O desenvolvimento da China não é um exemplo a ser seguido, mas uma ameaça a ser contida.

A nível textual, Bardella mobiliza estratégias de construção de identidades e atribuição de responsabilidades (transitividade). Ao afirmar que a Europa “continua sendo a única potência espacial incapaz de enviar pessoas ao espaço” ou que está “limitada pela fraqueza das elites europeias” e “por uma burocracia incapaz”, ele apresenta tais juízos como fatos incontestáveis. O uso do presente não modal<sup>7</sup> reforça a autoridade do enunciador, cuja leitura se projeta como descrição objetiva. Soma-se um movimento de modalização deôntica<sup>8</sup> (implícita a obrigação na forma da pergunta retórica “onde está o *Buy European Act* para a Ariane e todos os pilares econômicos da UE?”) e de “futurologia” (Fairclough, 2003): “a Europa estará condenada a sair definitivamente da história”. A previsão funciona como mecanismo de legitimação: ao falar com autoridade sobre o que é,

<sup>6</sup> Em 2021, a Europa continua sendo a única potência espacial incapaz de enviar, por conta própria, pessoas ao espaço. O que a Europa milenar desistiu de fazer em 40 anos, devido à fraqueza da organização política que a administra, empresas privadas americanas como a SpaceX conquistam. Frente aos Estados Unidos e à China, o que falta à Europa não é o talento. Estamos limitados pela fraqueza das elites europeias que já não acreditam no que somos, por uma burocracia incapaz de incentivar e proteger uma verdadeira política industrial. Enquanto a SpaceX se beneficia há mais de uma década de uma política baseada na garantia de encomendas públicas preferenciais, onde está o *Buy European Act* para a Ariane e todos os pilares econômicos da UE? Enquanto a Greta Thunberg continuar sendo a única ambição da Europa para o futuro, em uma economia de conquista e conhecimento, a Europa estará condenada a sair definitivamente da história. (Parlamento Europeu, 2024, tradução nossa)

<sup>7</sup> Isto é, verbos no presente do indicativos sem marcadores modais, como “talvez” ou “um pouco”

<sup>8</sup> Se a modalização epistêmica trata do grau de certeza de uma afirmação, e relaciona-se a termos como “talvez” ou “provavelmente”, a modalização deôntica diz respeito ao campo do dever. Termos como “devemos” ou “é preciso” apontam para a existência de normas, deveres, exigências, obrigações ou proibições.



o que será e o que deve ser, Bardella costura passado, presente e futuro europeu em um único horizonte narrativo. Existe aí, a nível da prática social, um processo hegemônico em curso: uma disputa pelo significado de Europa – passado, presente e futuro – na qual a ideia de “Europa milenar” exerce um papel importante, condensando uma determinada fantasia, por meio da ênfase seletiva de determinados elementos da realidade social.

Há nos discursos de Bardella, entretanto, um outro elemento decisivo para a narrativa fatalista de decadência iminente da Europa. Trata-se da “imigração de povos vindos do Sul que mudam nossa cultura e transformam nosso modo de viver”, como ele colocou em 13 de novembro de 2023<sup>9</sup>.

À narrativa de urgência calcada em aspectos econômicos ou tecnológicos uma Europa cuja abertura para os “povos vindos do Sul” coloca em ameaça existencial a cultura e a “arte de viver” dos países europeus e, mais especificamente, do povo francês. Esse uso da linguagem é parte de um processo discursivo de estabelecimento de fronteiras (entre “nós” e “o outro”) no qual o imigrante é retratado como uma ameaça à coesão social e cultural, uma estratégia comum nos discursos populistas de direita. Trata-se da tentativa de produção e reprodução das relações, da naturalização da inevitabilidade do conflito, que operam para consolidar a hegemonia. Nesse sentido, expressões como “imigração em massa”, “povos vindos do Sul”, “transformam nosso modo de viver”, “financia seus próprios inimigos” operam como gatilhos afetivos, ativando quadros mentais de ameaça, caos e desordem. Observa-se a construção de mundos representacionais por meio de escolhas léxicas ideologicamente marcadas.

---

<sup>9</sup> Enquanto a senhora [Presidente Von der Leyen] se enxerga como a presidente de uma potência mundial respeitada, está à frente de uma administração fria e enfraquecida, na qual os povos da Europa já não acreditam. A senhora só fala em expansão a qualquer custo. Nós testemunhamos um encolhimento sem precedentes da influência da Europa no mundo. Através de uma ecologia punitiva, emprestada da esquerda, a senhora ameaça nossa indústria automobilística com o fim anunciado dos motores térmicos, assim como fragiliza nossa autonomia. [...] Com as regras absurdas do mercado europeu de energia, e seus adiamentos em relação à questão nuclear, a senhora impõe ao meu povo, o povo francês, uma conta salgada que estrangula nossas empresas e as famílias mais humildes. Devido a sua fé ilimitada na aldeia global, a senhora organiza as condições para o caos de amanhã, ao aceitar uma imigração em massa vinda do Sul que altera nossa cultura e transforma nosso modo de viver. Por causa de sua ingenuidade, as instituições europeias se tornaram um canal para as ideologias islamistas em campanhas publicitárias indecentes. Que organização estranha é essa que financia seus próprios inimigos? A Europa entrou no tempo das incertezas: a Covid, o retorno da guerra às nossas portas, a inteligência artificial, o desafio demográfico, climático e, eu diria, em suma, civilizacional, nos impõem um sobressalto, sob pena de desaparecer. Precisamos existir. A construção europeia precisa existir, mas ela só encontrará o caminho da potência e a confiança dos povos em uma aliança de nações livres, soberanas, independentes, capazes de investir nos grandes projetos do século em curso para rivalizar com os Estados Unidos ou com a China. Convido os povos a marcarem esta data: de 6 a 9 de junho, eles poderão pôr fim, de forma definitiva, a vários anos de renúncia para retomar o fio da esperança. Que chegue logo o 9 de junho. (Parlamento Europeu, 2024, tradução nossa)



Encarando a questão do ponto de vista da interdiscursividade, pode-se dizer que aqui encontra, novamente, o recurso ao hibridismo. Bardella recontextualiza discursos securitários (terrorismo, islamismo), culturais (modo de viver europeu), e econômicos (soberania, energia) em uma narrativa coerente em aparência. Há uma estrutura semântica que conecta os temas da soberania nacional, políticas econômicas europeias e decadência cultural. Assim, reforça-se a ideia de que a proteção econômica está intrinsecamente ligada à preservação cultural.

Essa constatação vai nas linhas do que Balibar (2021a) classificou como “racismo diferencialista”, isto é, um “racismo sem raças” (p. 56) no qual a diferença fundamental reside no campo cultural e não mais na hereditariedade biológica. Nessa lógica, a diferença cultural opera como verdadeiro “meio natural” do homem, e seu desaparecimento está fadado a gerar conflitos. Para Balibar, trata-se de um racismo de segunda posição, uma teoria que aprendeu com o conflito entre racismo e antirracismo. Para Balibar (2021b, p. 93), “[...] na Europa moderna, as novas ‘classes perigosas’ do proletariado internacional são tendencialmente incluídas na categoria da ‘imigração’, que se torna, por excelência, o nome da raça nas nações em crise da era pós-colonial.

Note-se que a questão da imigração se encontra estreitamente relacionada à crítica à UE, tida como estruturalmente incapaz de atender às demandas europeias e acusada de abrir as portas para a imigração (como dito em discurso de abril de 2024). A nível textual, o antagonismo com a UE emerge na escolha de termos como “ingenuidade” e na formulação de que o bloco “financia seus próprios inimigos”, imagem que compõe uma representação de fragilidade e desorientação institucional. A crítica às políticas de energia e ao que ele chama de “ecologia punitiva” amplia esse diagnóstico, deslocando-o do campo econômico para um registro mais abrangente de ameaça existencial à cultura, à soberania e à economia europeias.

Nesse movimento, Bardella evoca simultaneamente China e União Europeia como polos de uma mesma dinâmica de risco: a China, descrita como “predador” cuja expansão tecnológica e econômica impõe uma dependência humilhante à Europa; a UE, retratada como cúmplice dessa dependência. A equivalência entre ameaça externa e ameaça interna é sustentada por marcadores morais — “traição”, “ingenuidade”, “cumplicidade” — que reconfiguram decisões políticas e econômicas como falhas éticas. Tal moralização não é acessória, mas o dispositivo que unifica elementos econômicos, ecológicos e culturais por meio de um hibridismo discursivo que imprime à crítica um caráter totalizante.



No plano da prática social, essa operação funciona como estratégia de legitimação de ruptura: ao condensar China e UE num mesmo horizonte de risco moral, o discurso autoriza um projeto de restauração soberanista que se apresenta como resposta necessária a uma Europa em declínio e às “traições internas” que teriam contribuído para esse cenário. A narrativa resultante constrói um quadro no qual a defesa da identidade europeia e da soberania nacional exige o afastamento de ambos os inimigos — o externo, que impõe dependência, e o interno, que a facilita.

O hibridismo discursivo que se explicita na costura de questão climática, soberania nacional, preservação cultural e assuntos da ordem econômica não é casuístico; serve, pelo contrário, ao projeto hegemônico de Bardella. O rearranjo de elementos heterogêneos constitui uma tentativa de desestabilizar a ordem do discurso vigente — associada ao universalismo liberal e à integração europeia — e introduzir uma nova configuração discursiva cuja coerência se produz pelo acionamento de afetos como medo, urgência e perda. Isto, em termos da CDA, é a disputa por uma hegemonia discursiva emergente por meio da reclassificação dos problemas da Europa em termos de soberania, cultura e sobrevivência civilizacional. A ascensão da China, a “imigração em massa” e a suposta ingenuidade da União Europeia tornam-se, em seu discurso, momentos de um mesmo sistema semântico que oferece uma moldura totalizante para interpretar o presente europeu. Nesse projeto hegemônico, do qual as eleições europeias de junho de 2023 constituem momento de virada, Bardella coloca a si mesmo como liderança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame dos discursos parlamentares de Jordan Bardella permite situá-lo como intérprete e operador político no seio da conjuntura marcada pela transição hegemônica descrita por Arrighi e Wallerstein. A ascensão da China opera como o sintoma mais visível do deslocamento do centro de gravidade do sistema-mundo, deslocamento que interpela diretamente uma Europa cuja posição histórica perde nitidez. Esse enquadramento fornece o pano de fundo para sua tentativa de reorganizar os termos do debate europeu em torno de soberania, identidade cultural e sobrevivência civilizacional. O Parlamento Europeu, por sua vez, aparece como arena privilegiada para a disputa hegemônica no interior da Europa. É nesse espaço institucional, onde diferentes projetos políticos competem pela definição legítima dos problemas europeus, que Bardella procura reclassificar a crise em curso e oferecer uma moldura alternativa àquela associada ao universalismo liberal e à integração





supranacional. As operações analisadas — hibridização discursiva, moralização dos antagonismos, do “outro” — articulam gêneros e repertórios heterogêneos, tensionando a ordem do discurso vigente e projetando uma nova configuração discursiva que reivindica o estatuto de leitura “natural” da conjuntura.

Bardella ambiciona, assim, participar da redefinição da própria posição da Europa na ordem internacional. Ao conectar imigração, energia, indústria, cultura e geopolítica em um único sistema semântico, ele converte transformar a troca hegemônica em recurso político, no qual o bloco de extrema-direita do qual faz parte se apresenta como força capaz de restaurar a unidade perdida e orientar a Europa num mundo multipolar.

## REFERÊNCIAS

- Arrighi, G. (1996). *O longo século XX: Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Editora Unesp.
- Arrighi, G. (2008). *Adam Smith em Pequim: Linhagens do século XXI*. Boitempo.
- Balibar, É. (2021a). Existe um “neorracismo”? In É. Balibar & I. Wallerstein, *Raça, nação, classe*. Boitempo.
- Balibar, É. (2021b). Racismo e nacionalismo. In É. Balibar & I. Wallerstein, *Raça, nação, classe*. Boitempo.
- Barbosa, A. de F. (2010). Transformações da economia mundial e a ascensão da China. In F. de Oliveira & R. Braga, *Hegemonia às avessas: Economia, política e cultura na era da servidão financeira*. Boitempo.
- Bloch, M. (2001). *Apologia da história ou o ofício de historiador* (v. 200, p. I). J. Zahar.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and social change*. Polity Press.
- Fairclough, N. (2003). *Analysing discourse*. Routledge.
- Fairclough, N. (2013). *Language and power*. Routledge.
- Hamnett, C. (2018). *A world turned upside down: The rise of China and the relative economic decline of the West*. Polity Press.
- Harvey, D. (2010). *The enigma of capital and the crisis this time. Reading Marx’s Capital with David Harvey*, 30.
- Parlamento Europeu. (n.d.). *Contributions aux débats en séance plénière*. [https://www.europarl.europa.eu/meps/fr/131580/JORDAN\\_BARDELLA/main-activities/plenary-speeches#detailedcardmep](https://www.europarl.europa.eu/meps/fr/131580/JORDAN_BARDELLA/main-activities/plenary-speeches#detailedcardmep)
- Pirro, A. L. P., Taggart, P., & Van Kessel, S. (2018). The populist politics of Euroscepticism in times of crisis: Comparative conclusions. *Comparative European Politics*, 16(2), 185–204.
- Scholte, J. A. (2010). *Globalization: A critical introduction*. Macmillan International Higher Education.
- Shambaugh, D. (2013). *China goes global: The partial power*. Oxford University Press.



Vasilopoulou, S. (2018). *Far right parties and Euroscepticism: Patterns of opposition*. ECPR Press.

Wallerstein, I. (1983). *The politics of the world-economy: The states, the movements, and the civilizations*. Cambridge University Press.

## NOTAS

### AUTORIA

Maria Raphaela Luchini Caldeira Campello: Mestre. Doutoranda, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Ciência Política, São Paulo, SP, Brasil.

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Av Professor Luciano Gualberto, 315 - Sala 2047 Cidade Universitária - São Paulo - SP CEP 05508-900

### ORIGEM DO ARTIGO

Artigo produzido de forma independente, no bojo da pesquisa de doutorado “Bolsonarismo: gênese e discurso”.

### AGRADECIMENTOS

Ao professor Alexandre Barbosa e colegas do Instituto de Estudos Brasileiros (USP).

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

### FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

### DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao artigo já estão disponíveis no repositório Maria Campello - Jordan Bardella, disponível em [https://drive.google.com/drive/folders/106T0GT2cqOixAJf\\_-uCpuJlh7zjoGIV9?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/106T0GT2cqOixAJf_-uCpuJlh7zjoGIV9?usp=sharing).

### PREPRINT

O artigo não é um preprint.

### LICENÇA DE USO

© Maria Raphaela Luchini Caldeira Campello. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Alexandre Busko Valim, Aline Vanessa Locastre, Daniela Capri

### HISTÓRICO

Recebido em: 07 de outubro de 2024

Aprovado em: 12 de dezembro de 2025

**Como citar:** Carvalho, C. B. de. (2026). Entre o trauma e a diplomacia: o memorial da guerra da Coreia e a construção da memória global. *Esboços: histórias em contextos globais*, 33,1–23.

